



INSTITUTO
SUPERIOR
DE ANGOLA

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

LICENCIATURA EM PSICOLOGIA

**ORIENTAÇÃO FAMILIAR COMO FERRAMENTA FUNDAMENTAL NO
ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO DOS ALUNOS AUTISTAS NO
COLÉGIO 4014 DE CACUACO-LUANDA NO SEGUNDO SEMESTRE
DE 2024**

Autor: Tuzolana Manuel Filho

Orientadora: Marília Augusta Soares da Costa Paim, MSc.

Ícolo e Bengo, 2024

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
LICENCIATURA EM PSICOLOGIA

**ORIENTAÇÃO FAMILIAR COMO FERRAMENTA FUNDAMENTAL NO
ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO DOS ALUNOS AUTISTAS NO
COLÉGIO 4014 DE CACUACO-LUANDA NO SEGUNDO SEMESTRE
DE 2024**

Trabalho de Fim de Curso apresentado ao Instituto Superior de Angola como requisito para obtenção do grau de Licenciatura, sob orientação da Marília Augusta Soares da Costa Paim, MSc.

Autor: Tuzolana Manuel Filho

Orientadora: Marília Augusta Soares da Costa Paim, MSc.

Ícolo e Bengo, 2024

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
LICENCIATURA EM PSICOLOGIA

**ORIENTAÇÃO FAMILIAR COMO FERRAMENTA FUNDAMENTAL NO
ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO DOS ALUNOS AUTISTAS NO
COLÉGIO 4014 DE CACUACO-LUANDA NO SEGUNDO SEMESTRE
DE 2024**

O JÚRI

Presidente _____

1º Vogal _____

2º Vogal _____

Secretário _____

Classificação: _____

Data _____ / _____ / _____

DICATÓRIA

Dedico o presente trabalho a minha Mãe e ao meu Pai pelo apoio incansável em todos os momentos difíceis da minha vida e trajectória académica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus todo-poderoso pelo fôlego de vida concedido sem preço, dia pós dia.

Aos meus pais senhor, que incansavelmente têm me dado suporte e todo apoio necessário para o meu sucesso e aos demais irmãos que tiveram a coragem, fé e confiança condigna de me apoiar durante a jornada académica.

A professora Marília Paim, minha orientadora este agradeço infinitamente por terem contribuído para o meu crescimento pessoal, académico e profissional, assim como os demais Docentes que admiro e contribuíram na mesma.

Ao Instituto Superior de Angola, a minha eterna gratidão.

Aos meus colegas de sala que sempre tivemos unidos nos momentos bons e ruins ao longo da caminhada.

EPÍGRAFE

” O suporte adequado e personalizado é essencial para as pessoas com autismo a desenvolver habilidades sociais, de comunicação e de vida diária”, Gomes (2010, p. 20).

RESUMO

Nos engajamos em trabalhar com o tema, orientação familiar como ferramenta fundamental no acompanhamento psicológico dos alunos autistas no colégio 4014 de Cacuaco-Luanda no segundo semestre de 2024, o mesmo apresenta uma pesquisa Descritiva por levantamento de dados, com modelo de abordagem Quali-quantitativa, os métodos estão classificados de nível Teórico, Empírico e Matemático, como pergunta de partida, De que forma a orientação familiar é considerada fundamental no acompanhamento psicológico dos alunos autistas no colégio 4014 de Cacuaco-Luanda no II semestre de 2024? os objectivos foram classificados em; geral e Específico. Objectivo Geral visa Compreender a orientação familiar como ferramenta fundamental no acompanhamento psicológico dos alunos autistas no colégio 4014 de Cacuaco-Luanda no segundo semestre de 2024. Trabalhamos com população de 100 indivíduos e com amostragem Aleatória Estratificada de 70 indivíduos. Assim sendo, a orientação familiar tem como intuito orientar pais e familiares na criação, auxiliando-os tanto para uma educação mais consciente e positiva como em seu próprio autodesenvolvimento, (Abreu, & Masetto, 2019). Por fim, O pessoal da escola e os encarregados de educação, consideram importante o envolvimento dos pais e profissionais no processo de inovação pedagógica e inclusão de alunos autistas, com o total absoluto de 100%. O acompanhamento familiar contribui para o melhor desempenho académico e emocional dos alunos autistas em sala de aulas, com a margem de 100% a favor.

Palavras-Chaves: orientação familiar, acompanhamento psicológico, alunos e autistas.

ABSTRACT

We engaged in working with the theme, family guidance as a fundamental tool in the psychological monitoring of autistic students at school 4014 in Cacuaco-Luanda in the second semester of 2024, it presents a Descriptive research by data collection, with a Quali-quantitative approach model, the methods are classified at the Theoretical, Empirical and Mathematical level, as a starting question, How is family guidance considered fundamental in the psychological monitoring of autistic students at school 4014 in Cacuaco-Luanda in the second semester of 2024? the objectives were classified as; General and Specific. General Objective aims to understand family guidance as a fundamental tool in the psychological monitoring of autistic students at school 4014 in Cacuaco-Luanda in the second semester of 2024. We worked with a population of 100 individuals and with stratified random sampling of 70 individuals. Therefore, family guidance aims to guide parents and family members in upbringing, helping them both for a more conscious and positive education and in their own self-development, (Abreu, & Masetto, 2019). Finally, school staff and guardians consider it important to involve parents and professionals in the process of pedagogical innovation and inclusion of autistic students, with an absolute total of 100%. Family monitoring contributes to the better academic and emotional performance of autistic students in the classroom, with a margin of 100% in favor.

Keywords: family guidance, psychological follow-up, students and autistic people.

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Demonstração representativa da População e Amostra.....	23
Tabela 2 - Demonstração de Amostra de acordo Gênero.....	23
Tabela nº 3 - Descrição funções.....	24
Tabela nº 4 - Idade.....	25
Tabela nº 5 – Nível de Ensino Frequentado.....	26
Tabela nº 6 – A presença de família no processo de ensino e aprendizagem permite o bem-estar psicológico dos alunos autistas do colégio 4014 de Cacuaco-Luanda no segundo semestre de 2024.....	27
Tabela nº 7 – Considera importante o envolvimento dos pais e profissionais no processo de inovação pedagógica e inclusão de alunos autistas.....	28
Tabela nº 8 – O acompanhamento familiar contribui para o melhor desempenho acadêmico e emocional dos alunos autistas em sala de aulas.....	29
Tabela nº 9 – A participação ativa da família no acompanhamento psicológico dos alunos em seu desempenho acadêmico e emocional dos alunos autistas no colégio 4014 de Cacuaco-Luanda no segundo semestre de 2024.....	30
Tabela nº 10 – Barreiras ou desafios enfrentados pelas famílias e profissionais na inclusão de alunos autistas.....	31

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico nº 3 - Descrição funções.....	24
Gráfico nº 4 - Idade.....	25
Gráfico nº 5 – Nível de Ensino Frequentado.....	26
Gráfico nº 6 – A presença de família no processo de ensino e aprendizagem permite o bem-estar psicológico dos alunos autistas do colégio 4014 de Cacuaco-Luanda no segundo semestre de 2024.....	27
Gráfico nº 7 – Considera importante o envolvimento dos pais e profissionais no processo de inovação pedagógica e inclusão de alunos autistas.....	28
Gráfico nº 8 – O acompanhamento familiar contribui para o melhor desempenho acadêmico e emocional dos alunos autistas em sala de aulas.....	29
Gráfico nº 9 – A participação ativa da família no acompanhamento psicológico dos alunos em seu desempenho acadêmico e emocional dos alunos autistas no colégio 4014 de Cacuaco-Luanda no segundo semestre de 2024.....	30
Gráfico nº 10 – Barreiras ou desafios enfrentados pelas famílias e profissionais na inclusão de alunos autistas.....	31

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
CAPITULO I. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	6
1.1. Definições de termos e conceitos	6
1.2. Breve histórico do Autismo	8
1.3. Práticas de orientação familiar na detecção dos problemas emocionais nos alunos autistas.....	11
1.4. Objetivos da Orientação Familiar no autismo	11
1.4.1. Benefícios da Orientação Familiar no autismo.....	11
1.4.2. Funcionamento da Orientação Familiar no autismo.....	12
1.4.3. O diagnóstico de autismo.....	12
1.5. Orientação no autismo	13
1.6. Desafios enfrentados pelas famílias no processo psicológico dos alunos, autistas.	15
1.6.1. Orientação Parental e a saúde mental dos pais e cuidadores	15
1.6.2. Níveis de Independência no autismo.	16
1.6.3. Fatores que influenciam os níveis de independência	17
1.6.4. Intervenções e suporte para aumentar a independência	17
1.6.4. A importância da inclusão e aceitação.....	17
1.6.5. Os desafios da inclusão no autismo	17
1.7. As estratégias para promover a inclusão no autismo	18
1.7.1. Os benefícios da inclusão no autismo	18
1.7.2. Desafios e superações.....	19
1.8. Vantagens da participação ativa da família no acompanhamento psicológico dos alunos em seu desempenho acadêmico e emocional dos alunos autistas.	19
1.8.1. Importância da Orientação Familiar no autismo.....	20
1.9. A importância do ambiente escolar na inclusão de alunos autistas	20
1.9.1. A atuação do professor como mediador do processo inclusivo	22

1.10. A família como base no desenvolvimento da criança	24
1.11. O papel do acompanhamento psicológico na vida escolar do aluno autista	27
CAPITULO II. METODOLOGIA DE PESQUISA.....	31
2.1. Tipo de Pesquisa.	31
2.2. Modelo de abordagem	31
2.3. Métodos de Estudo	32
2.4. Técnica e Instrumento	33
2.5. Procedimentos para a recolha de dados	33
2.6. População e Amostra.....	33
CAPITULO III. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS.....	35
4. CONCLUSÕES.....	43
5. SUGESTÕES.....	44
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA.....	45
APÊNDICES.....	
ANEXOS.....	

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta o tema, **orientação familiar como ferramenta fundamental no acompanhamento psicológico dos alunos autistas no colégio 4014 de Cacuaco-Luanda no segundo semestre de 2024**. As características do Transtorno do Espectro Autista (TEA), afetam as condições físicas e mentais do indivíduo, aumentando a demanda por cuidados e, consequentemente, o nível de dependência de pais e/ou cuidadores, entretanto, a família exerce um papel importantíssimo na vida da criança autista e que a mesma nunca está preparada para lidar com essa realidade, assim, acaba tendo aceitação e passa a se inteirar mais sobre o transtorno que afeta vida da criança, tentando proporcionar um bom tratamento, saber lidar e promover uma boa qualidade de vida e consequentemente leva o bom desempenho emocional e acadêmico, (André, 2013, p. 43).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento que afeta a comunicação, o comportamento e as habilidades sociais do indivíduo, exigindo uma abordagem de acompanhamento multidisciplinar e contínua. Nesse contexto, o papel da família torna-se um elemento essencial no desenvolvimento e bem-estar da criança autista, especialmente no ambiente escolar. A escola, enquanto espaço de socialização e aprendizagem, deve estar preparada para acolher e promover o progresso dos alunos com necessidades específicas, como é o caso dos estudantes com TEA. No entanto, para que o processo de inclusão escolar seja eficaz, é indispensável o envolvimento ativo da família, não apenas no acompanhamento pedagógico, mas, sobretudo, no apoio psicológico dessas crianças.

O colégio 4014 de Cacuaco, no segundo semestre de 2024, tem enfrentado desafios no processo de inclusão e acompanhamento de alunos com autismo. Observa-se que muitos desses desafios estão relacionados à falta de articulação entre a escola e a família, o que compromete a eficácia das intervenções psicopedagógicas. A orientação familiar, nesse sentido, desponta como uma ferramenta fundamental para a construção de um ambiente educacional mais inclusivo e empático, no qual o aluno autista possa se desenvolver de forma integral.

Dessa forma, este trabalho propõe-se a refletir sobre a importância da orientação familiar como instrumento indispensável no acompanhamento psicológico dos alunos autistas, destacando a necessidade de uma parceria sólida entre família e escola. Além disso, objetiva-se analisar as estratégias que podem ser utilizadas para fortalecer esse vínculo e otimizar os resultados no processo de inclusão escolar.

❖ **Problematização**

“Problema é uma dificuldade, teórica ou prática, no conhecimento de alguma coisa de real importância, para qual se deve encontrar uma solução, devendo especifica-la de forma precisa e exata. (Quissua 2019, p. 26).

A Inclusão de alunos com (TEA), vem sendo pesquisada em diversos níveis de análise, como por exemplo, em relação à Gestão Escolar, Políticas Públicas, Escolarização e Inclusão, Petersen e Wainer (2011). Porém, pouco se sabe sobre a influência dos aspectos familiares na escolarização do sujeito com autismo e a relação família-escola.

Tema que parece particularmente importante quando contrastamos a importância conferida à família no desempenho acadêmico dos mesmos, em torno desta temática, levantamos a seguinte pergunta de partida:

De que forma a orientação familiar é considerada como ferramenta fundamental no acompanhamento psicológico dos alunos autistas no colégio 4014 de Cacuaco-Luanda no II semestre de 2024?

❖ **Hipóteses**

Segundo, Quissua (2019, p. 30) “Hipótese é uma suposição que antecede a constatação dos factos e tem como característica uma formulação provisória, que deve ser testada para determinar a sua validade. Correta ou errada”.

Hipótese são possíveis respostas ou afirmações que o pesquisador dá ao problema levantado, cujo finalidade é orientar a expectativa sobre os resultados que serão obtidos, segundo (Nkuansambu, 2022 p. 89).

H1: A presença de uma orientação familiar, permite o bem-estar psicológico dos alunos autistas e contribui para o melhor desempenho acadêmico e emocional.

H2: Participação activa das Famílias envolvidas em questões psicológicas e emocionais dos filhos estão mais propensas a identificar precocemente sinais de dificuldades emocionais nos alunos, permitindo intervenções eficazes e preventivas.

H3: Presença da orientação familiar é ineficaz quando a falta de suporte emocional, podendo até mesmo agravar os problemas de saúde mental devido à falta de apoio adequado.

❖ **Objectivos**

Os Objectivos dividem-se em Geral e Específicos, utilizando a conjugação verbal no Infinitivo eles consistem na formulação das pretensões da pesquisa, onde pesquisador define, esclarece e revela os focos e interesse da pesquisa. (Quissua 2019, p. 28).

Geral

O objectivo geral relaciona-se diretamente com o problema. Ele esclarece e direcciona o foco central da pesquisa, (Quissua 2019, p. 28).

Compreender a orientação familiar como ferramenta fundamental no acompanhamento psicológico dos alunos autistas no colégio 4014 de Cacuaco-Luanda no segundo semestre de 2024.

Objetivo Específico

“Os objectivos Específicos definem os diferentes pontos a serem abordados, visando confirmar as Hipóteses e concretizar o Objectivo Geral”. Quissua (2019, p. 28).

1. Descrever a eficácia das práticas de orientação familiar na detecção precoce de problemas emocionais nos alunos autistas no colégio 4014 de Cacuaco-Luanda no segundo semestre de 2024.
2. Identificar as barreiras ou desafios enfrentados pelas famílias que dificulta o processo psicológico dos alunos, autistas no colégio 4014 de Cacuaco-Luanda no segundo semestre de 2024.
3. Apresentar as vantagens da participação ativa da família no acompanhamento psicológico dos alunos em seu desempenho académico

e emocional dos alunos autistas no colégio 4014 de Cacuaco-Luanda no segundo semestre de 2024.

4. Propor recomendações e estratégias para fortalecer o papel da orientação familiar no apoio psicológico aos alunos, visando melhorias significativas em seu desenvolvimento académicos.

❖ **Delimitação e limitação do estudo**

"Delimitar a pesquisa é estabelecer limites para a investigação. A mesma pode ser delimitada em relação ao assunto, à extensão" entre outros factores (Marconi & Lakatos, 2008).

"Delimitação, o pesquisador deve agir criteriosamente, a fim de delimitar a área específica do conhecimento, o espaço geográfico da cobertura da pesquisa e o espaço temporal focalizada na pesquisa." (Nkuansambu, 2022 p. 89).

- a) Devido à complexidade do tema delimitamos a nossa pesquisa no colégio 4014 sedeadada em Luanda no município de Cacuaco-Luanda no segundo II de 2024.
- b) Limitação, a mesma terá como temática, orientação familiar como ferramenta fundamental no acompanhamento psicológico dos alunos autistas, distribuídos 3 Directores da Escola, 5 Professores, 10 Encarregados de educação, 5 Alunos.

❖ **Justificativa**

Segundo Nkuansambu, (2022 p. 89), afirma que "justificativa é uma nota explicativa sobre as razões e motivações da escolha do tema e a sua pertinência".

Nesse sentido, esse estudo será de grande relevância científica, académica e social, uma vez que, servirá de fonte de pesquisa para futuros trabalhos, bem como, contribuirá na construção de estratégias para auxiliar as famílias na elaboração de suas vivências e maior interação com os serviços disponibilizados pela saúde mental e a educação, com vistas a favorecer um desenvolvimento das potencialidades da criança autista.

Achamos conveniente debruçar sobre este tema por causa da sua relevância, obre a orientação familiar e o seu fundamento no acompanhamento psicológico dos alunos autistas, assim sendo, consideramos ferramenta de saída na resolução dos assuntos formativos em sala de aulas.

O mesmo servirá como material de apoio, e consulta no processo de investigação e ensino-aprendizagem em salas de aulas, na intenção de reolver as mesmas problematicas. Entretanto, foi o motivo da elaboração do presente projecto.

Na vertente social apresenta vantagens, certo que, contribuirá na construção de estratégias para auxiliar as famílias na elaboração de suas vivências e maior interação com os serviços disponibilizados pela saúde mental e a educação.

❖ Estrutura do Trabalho

O presente trabalho com tema, orientação familiar como ferramenta fundamental no acompanhamento psicológico dos alunos autistas no colégio 4014 de Cacuaco-Luanda no segundo semestre de 2024, obedecerá a seguinte estrutura:

Introdução apresentará a Problemática, Hipóteses, Objectivos de Estudo, Delimitação e Justificativa do Estudo;

- ❖ Capítulo Iº. Fundamentação Teórica, onde apresentaremos definição de termos e conceitos;
- ❖ Capítulo IIº. Metodologia de Pesquisa, debruçaremos dos matérias e métodos usados na pesquisa;
- ❖ Capítulo IIIº interpretação e discussão dos Resultados
- ❖ Conclusão e Sugestões

CAPITULO I. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. Definições de termos e conceitos

Orientação familiar: a orientação familiar tem como intuito orientar pais e familiares na criação, auxiliando-os tanto para uma educação mais consciente e positiva como em seu próprio autodesenvolvimento, (Abreu, & Masetto, 2019).

A orientação familiar é uma abordagem terapêutica que busca auxiliar as famílias a lidarem com os desafios e dificuldade que surgem ao longo do desenvolvimento das crianças, (Petersen & Wainer 2011).

Segundo Maria Tereza Maldonado (2005), no livro Construindo a Família, a orientação familiar é um processo de ajuda que visa melhorar a convivência, resolver dificuldades emocionais e fortalecer os laços entre os membros da família. A autora enfatiza a importância do diálogo, do acolhimento e da mediação de conflitos para a construção de um ambiente familiar mais saudável.

Acompanhamento Psicológico: segundo, Neurosaber (20219) o acompanhamento psicológico visa a trazer as condições precisas para que todos encarem esse momento com sensatez, força e esperança de que os tratamentos podem oferecer uma vida melhor ao pequeno e a eles também.

Salvador e Nilton (2013), o acompanhamento psicológico, mais conhecido como terapia, é conduzido por um psicólogo e tem o objectivo de auxiliar o paciente a lidar com questões emocionais, sejam elas pontuais ou recorrentes, a fim de proporcionar saúde mental e bem-estar.

Segundo Bohoslavsky (1995), o acompanhamento psicológico consiste em um processo de escuta e orientação que busca auxiliar o sujeito na construção de sentidos para suas experiências e na superação de dificuldades emocionais e comportamentais.

Outra definição é dada por Paim (2014), que afirma que o acompanhamento psicológico envolve um olhar atento e contínuo sobre as demandas do paciente, proporcionando um espaço de acolhimento, reflexão e transformação.

Alunos: O termo aluno significa literalmente criança de peito, (do lat. *alumnus*, *alumni*, proveniente de *alere*, que significa "alimentar, sustentar, nutrir, fazer crescer"). Daí o sentido de que aluno é uma espécie de lactente intelectual. "O termo aluno

aponta, portanto, para a ideia de alguém que precisa ser alimentado e exige ainda cuidados de alguém que o oriente e/ou ensine” (Abreu, & Masetto, 2019, p.1).

Segundo, Abreu, e Masetto, (2019, p.1), os mesmos autores acima citados rubricam que, em sentido figurado ou metafórico, porém, aluno significa simplesmente "discípulo" ou "pupilo", alguém que aprende de forma coletiva em estabelecimento de ensino pela mediação de um ou vários professores

Aluno é aquela pessoa que assiste às aulas e preocupa-se apenas com a nota da prova. Muitas vezes, ele estuda de última hora para passar nas avaliações da escola ou faculdade e faz os trabalhos e exercícios sem muita atenção. Estudante, por sua vez, é quem estuda instigado pela curiosidade, assim afirmou (André, 2013).

Um aluno é uma pessoa que se dedica à aprendizagem. Aluno (do latim *alumnus* 'pupilo, aluno'), estudante ou discente é o indivíduo que recebe formação e instrução de um ou vários professores ou mestres para adquirir ou ampliar conhecimentos, (André, 2013, p. 43).

Autistas: segundo, Petersen e Wainer (2011), o autismo pode ser conceituado como um transtorno complexo do desenvolvimento, definido de um ponto de vista comportamental, com etiologias múltiplas que se manifesta em graus variados de gravidade.

De acordo com Silberman (2015), o autismo deve ser compreendido como parte da diversidade neurológica, e não exclusivamente como uma deficiência. Essa abordagem sugere que a sociedade deve se adaptar para incluir pessoas autistas, reconhecendo seus pontos fortes e desafios sem patologizá-los.

O autismo envolve desafios na interação social, padrões de comportamento estereotipados e interesses restritos, podendo variar significativamente em termos de gravidade e impacto na vida do indivíduo (American Psychiatric Association, 2013).

1.2. Breve histórico do Autismo

A família proporciona o primeiro e mais importante contexto interpessoal para o desenvolvimento humano e, como resultado, as relações familiares têm uma profunda influência sobre a saúde mental das crianças, e por isso, elas são de fundamental importância no desenvolvimento infantil.

A primeira vez que o termo “autismo” foi apresentado ao mundo, foi em 1911 pelo psiquiatra Eugen Bleuler. Esse termo estava conectado, originalmente, a um transtorno básico de esquizofrenia, que significa mais especificamente, o relacionamento estreito com as pessoas e com o mundo exterior. Esse estreitamento era tão extremo que parecia excluir tudo, exceto a própria pessoa, e poderia ser descrito como um afastamento da individualidade da vida social.

Mais tarde, Kanner em 1943 e Asperger em 1944, Lima et. al. (2014), publicaram estudos que possuíam descrições de casos de autismo. O que possibilitou maiores informações sobre o transtorno. Em seus estudos, Kanner descreveu as seguintes características observadas:

Siqueira C.C et. al (2016), o cérebro autista: a biologia da mente e sua implicação no comprometimento social, 8ª edição, brasil.

a) inabilidade em desenvolver relacionamentos com pessoas; b) atraso na aquisição da linguagem; c) uso não comunicativo da linguagem após o seu desenvolvimento; d) tendência à repetição da fala do outro (ecolalia); e) uso reverso de pronomes; f) brincadeiras repetitivas e estereotipadas; g) insistência obsessiva na manutenção da “mesmice” (rotinas rígidas e um padrão restrito de interesses peculiares); h) falta de imaginação; i) boa memória mecânica; j) aparência física normal.

Tais características não haviam sido consideradas até então em sua “surpreendente singularidade” (Siqueira et. al. (2016).

Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Após estas observações, em 1943 Kanner relatou que as descrições careciam de mais estudos e investigações. E foi em 1956 que o próprio Kanner e Eisenberg, elegeram dois sintomas como os principais “isolamento extremo e insistência obsessiva na manutenção da “mesmice”, em associação ao surgimento do problema nos primeiros 2 anos de vida” (Ministério da Saúde, 2014).

Cabe ressaltar que o sintoma de isolamento na esquizofrenia e no Autismo se processa por razões diferentes. Enquanto na esquizofrenia o isolamento é uma tendência por um retraimento nos relacionamentos, no Autismo o que se observa é uma incapacidade de desenvolvê-los, Segundo Lima et. al. (2014),

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por déficits nas dimensões sócio comunicativa e comportamental (APA, 2013). Para um melhor desenvolvimento dos sujeitos com TEA, é de consenso a importância de um diagnóstico e de intervenções, ambos iniciados o mais precocemente possível.

Dada a heterogeneidade da condição, as intervenções precisam ser direcionadas especificamente para as necessidades de cada indivíduo e consistem na prestação, por parte de uma equipe transdisciplinar, de serviços dirigidos também à família.

O objetivo é reduzir ao máximo os efeitos dos fatores de risco apresentados pela criança e fortalecer o sistema familiar.

O primeiro estudo sobre o Autismo surgiu na literatura em 1943, quando o médico austríaco Leo Kanner publicou um artigo em que avaliou 11 crianças, as quais tinham como característica principal a "incapacidade para relacionar-se normalmente com as pessoas e as situações" (KANNER, 1943, p. 20).

A pós descrever meteticulosamente tais características, concluiu seu estudo afirmando que o autismo se tratava de uma incapacidade inata, ou seja, que já nascia com o sujeito, de estabelecer o contato afetivo habitual e biologicamente previsto com as pessoas.

Após Kanner, o médico vienense Hans Asperger publicou em 1944 "A Psicopatía autista na infância", descrevendo características de um grupo de crianças que atendia em sua clínica particular, cujas limitações situavam-se nas áreas da interação social, comunicação/linguagem e comportamental.

Asperger identificava como traço principal, a limitação de suas relações sociais, considerando que toda a personalidade da criança estaria determinada por esta limitação. Asperger publicou em alemão, e suas descobertas foram conhecidas pelo mundo somente cinquenta anos após a publicação original.

Na década de 1990, quando a sua obra já tinha sido traduzida para o inglês, a Síndrome de Asperger (SA) foi reconhecida pela comunidade científica internacional como um transtorno do desenvolvimento que possui uma série de dificuldades muito semelhantes com o autismo de Kanner (SCHMIDT, 2012). São estas relações que

delimitam estabelecimento de limites, comunicação, ensino de responsabilidades e expressão de afeto, comportamentos essenciais para um desenvolvimento saudável, Estes et al. (2014),

O comportamento infantil e parental pode ser descrito como tendo um relacionamento bidirecional, no qual alguém influencia o outro. Os problemas comportamentais das crianças geram muita ansiedade e os pais por falta de habilidades acabam reforçando comportamentos inadequados o que resulta em um círculo vicioso em que o comportamento dos pais e dos filhos fica pior e mais hostil, Zhou et al. (2017).

Muitos pais geralmente recebem pouco ou nenhum preparo, quando se trata de educação dos seus filhos, utilizando conhecimentos adotados pela cultura que vive e/ou que aprendeu com seus pais ou criadores, produzindo-se a maior parte da aprendizagem durante a realização da tarefa por meio do ensaio e erro.

1.3. Práticas de orientação familiar na detecção dos problemas emocionais nos alunos autistas.

A Orientação Familiar no autismo é uma abordagem terapêutica que visa oferecer suporte e orientação para as famílias que possuem um membro com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O objetivo principal dessa intervenção é auxiliar os pais e cuidadores a compreenderem melhor o autismo e desenvolverem estratégias eficazes para lidar com os desafios que surgem no dia a dia.

1.4. Objetivos da Orientação Familiar no autismo

A Orientação Familiar no autismo possui diversos objetivos, que variam de acordo com as necessidades específicas de cada família. Alguns dos principais objetivos dessa abordagem incluem, segundo (Abreu, & Masetto, 2019, p.17).

1.4.1. Benefícios da Orientação Familiar no autismo

A Orientação Familiar no autismo traz uma série de benefícios tanto para os pais e cuidadores quanto para a criança autista. Alguns dos principais benefícios dessa abordagem incluem:

- Redução do estresse e da ansiedade dos pais;
- Aumento da confiança e segurança dos pais no manejo das dificuldades;

- Melhora na qualidade de vida da família como um todo;
- Desenvolvimento de estratégias eficazes para lidar com comportamentos desafiadores;
- Estímulo ao desenvolvimento de habilidades sociais e de comunicação da criança;
- Melhora na interação e no relacionamento entre pais e filhos;
- Aumento da inclusão social e escolar da criança autista;
- Melhora na adaptação da família às necessidades específicas da criança;
- Fortalecimento dos vínculos familiares;
- Preparação dos pais para lidar com as demandas e desafios futuros.

1.4.2. Funcionamento da Orientação Familiar no autismo

A Orientação Familiar no autismo pode ser realizada de diferentes formas, dependendo das necessidades e preferências da família. Geralmente, ela é conduzida por profissionais especializados, como psicólogos, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, entre outros.

As sessões de orientação podem ocorrer individualmente, em grupo ou de forma mista, e têm como objetivo fornecer informações, orientações e estratégias práticas para os pais e cuidadores. Durante as sessões, são abordados temas como compreensão do autismo, manejo de comportamentos desafiadores, estimulação do desenvolvimento, inclusão social e escolar, entre outros.

Entretanto, a Orientação Familiar no autismo, desempenha um papel fundamental no processo de intervenção e tratamento do TEA. Ela oferece suporte e orientação para as famílias, auxiliando os pais e cuidadores a compreenderem melhor o autismo e desenvolverem estratégias eficazes para lidar com os desafios que surgem no dia a dia.

Além disso, essa abordagem traz uma série de benefícios tanto para os pais quanto para a criança autista, contribuindo para o desenvolvimento e bem-estar de todos os membros da família.

1.4.3. O diagnóstico de autismo

O transtorno do Espectro Autista — TEA — é um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta a comunicação, a interação social e o

desenvolvimento cognitivo. Os sinais de autismo podem surgir nos primeiros anos da criança, mas nem sempre são percebidos.

Existem diferentes graus de autismo, por isso, em casos leves, pode ser que a criança receba o diagnóstico mais tarde. O TEA não tem cura, mas os tratamentos e intervenções adequados melhoram a qualidade de vida e desenvolvem habilidades essenciais nas crianças.

Da mesma forma, os pais devem receber orientações para que possam lidar com seus sentimentos e questionamentos diante o diagnóstico de seus filhos. (Fevero, Maria Ângela Bravo and. Santos, Manuel A. (2005).

1.5. Orientação no autismo

O impacto do diagnóstico do autismo nos pais é enorme. Como a nossa sociedade ainda não é totalmente inclusiva, eles ficam temerosos em relação ao futuro de seus filhos.

Muitos pais têm que lidar com expectativas frustradas e com os sintomas do autismo em seus filhos, como dificuldade de contato visual, repetição de palavras e ações, impulsividade, entre outros.

Muitas crianças com autismo têm inteligência normal ou superior, mas apresentam dificuldades de organizar as informações. Os pais precisam ser orientados quanto aos diferentes graus no autismo, além de compreender que cada criança é única.

Por isso, em primeiro lugar devem buscar por informações sobre o TEA com profissionais especializados. Além disso, buscar pelas melhores intervenções, que atendam às necessidades específicas de seu filho, dentro do espectro do TEA.

❖ Acompanhamento Psicológico

O acompanhamento psicológico é essencial na orientação no autismo. Os pais e irmãos podem se beneficiar muito do apoio e das orientações do psicólogo, que fornece conhecimento e acolhida, levando-os a construir um diferente olhar sobre o diagnóstico.

O objetivo do acompanhamento psicológico é dar suporte a família, ampliar o olhar sobre a situação e ajudá-los a entender como se comportar diante as crises de

seus filhos. Os pais e a família da criança com autismo têm papel fundamental no tratamento dela.

Dessa forma, devem ser acolhidos e preparados para lidar com as ansiedade e angústias de seu filho. Quanto mais informados estiverem, melhor entenderão o comportamento da criança, as situações que geram estresse e suas maiores necessidades.

❖ **Terapia em grupo**

Uma boa opção para orientação familiar no autismo é a terapia em grupo. Além de ter contato com outras famílias que enfrentam situações semelhantes, os pais podem falar de seus maiores desafios e serem orientados e acolhidos por essas pessoas.

A terapia em grupo ajuda a família a lidar com os obstáculos que surgem no caminho e com os desafios do tratamento.

❖ **Orientação no autismo e escola**

A presença dos pais na escola é essencial para o desenvolvimento de seus filhos. No caso do autismo, não é diferente. Pais e professores devem conversar sobre as características das crianças, suas habilidades e dificuldades, para que possam fazer as intervenções adequadas, Segundo Siqueira et. al (2016).

O psicopedagogo pode contribuir muito nessa conversa, orientando pais e professores sobre os procedimentos mais indicados para a sua aprendizagem. O trabalho multidisciplinar é fundamental para o tratamento da criança com autismo mas também na orientação familiar.

❖ **Informações adicionais sobre o TEA**

Segundo, Telson et al. (2015), além do impacto do diagnóstico do autismo, muitos medos surgem devido à falta de informação sobre o espectro. Dessa forma, a busca por informações sobre o transtorno é essencial na orientação familiar.

Isso porque os pais podem compreender melhor as causas e as consequências que podem advir do TEA. Quanto mais informados, melhor preparados estarão para

lidar com suas expectativas quanto ao desenvolvimento e o futuro de seus filhos, Gomes, Paulyane.

1.6. Desafios enfrentados pelas famílias no processo psicológico dos alunos, autistas.

1.6.1. Orientação Parental e a saúde mental dos pais e cuidadores

Tendo em vista a maior prevalência de transtornos psicológicos em pais de crianças com TEA, é necessário considerar os efeitos familiares no planejamento de serviços destinados ao tratamento destas crianças (Schieve et al., 2020).

Intervenções parentais demonstraram efeitos positivos nas interações entre pais e filhos (Malucelli et al., 2020), diminuição dos sintomas de ansiedade e depressão e aumento dos níveis de autoeficácia e qualidade de vida dos pais.

Estes et al. (2014), investigaram o impacto de uma intervenção de orientação parental baseada no Modelo Denver de Intervenção Precoce (Early Start Denver Model – ESDM) no índice de estresse e no senso de competência relatado pelos pais. O grupo que recebeu a intervenção não relatou aumento no estresse parental, ao contrário do grupo controle que apresentou um aumento considerável. O senso de competência dos pais não diferiu entre os grupos.

O número de eventos de vida negativos foi um preditor significativo de estresse parental e senso de competência em ambos os grupos. Estudo realizado por Zhou et al. (2017) obteve resultados semelhantes ao estudo citado acima, sendo que os pais do grupo de intervenção ESDM apresentaram diminuição do estresse parental, enquanto os do grupo controle mostraram uma tendência oposta, embora as diferenças não tenham alcançado associação significativa com a intervenção.

Bagaiolo et al. (2018), em estudo piloto de intervenção não controlado multicêntrico para capacitação de cuidadores de indivíduos com TEA com comportamentos disruptivos e déficits na comunicação, embasado na Análise do 32 Comportamento Aplicada (ABA), demonstraram diminuição significativa nos sintomas de ansiedade e depressão dos cuidadores.

Mirenda et al. (2022) realizaram um estudo randomizado de viabilidade de intervenção de orientação parental baseada no ESDM, em agências comunitárias de

uma província do Canadá. Os pais do grupo de estudo tiveram escores de qualidade de vida, satisfação e autoeficácia significativamente maiores do que o grupo controle.

1.6.2.Níveis de Independência no autismo.

No espectro do autismo, existem diferentes níveis de independência que podem ser observados em indivíduos autistas. Esses níveis são uma forma de avaliar as habilidades e necessidades de suporte de uma pessoa com autismo, levando em consideração sua capacidade de se comunicar, interagir socialmente, lidar com mudanças e realizar tarefas diárias.

Nível 1: Requer suporte

No primeiro nível de independência no autismo, as pessoas geralmente apresentam dificuldades significativas na comunicação social e interação social. Elas podem ter dificuldade em iniciar ou manter conversas, compreender expressões faciais e linguagem corporal, e podem preferir rotinas e atividades repetitivas. Essas pessoas podem precisar de suporte para lidar com mudanças e realizar tarefas diárias.

Nível 2: Requer suporte substancial

No segundo nível de independência no autismo, as pessoas apresentam dificuldades mais acentuadas na comunicação social e interação social. Elas podem ter dificuldade em iniciar ou manter relacionamentos, compreender piadas ou sarcasmo, e podem ter interesses restritos e intensos. Essas pessoas geralmente precisam de suporte substancial para lidar com mudanças e realizar tarefas diárias.

Nível 3: Requer suporte muito substancial

No terceiro nível de independência no autismo, as pessoas apresentam dificuldades severas na comunicação social e interação social. Elas podem ter dificuldade em se comunicar verbalmente ou não verbalmente, podem ter comportamentos repetitivos e restritos, e podem ter dificuldade em lidar com mudanças ou transições. Essas pessoas geralmente precisam de suporte muito substancial para lidar com mudanças e realizar tarefas diárias.

1.6.3.Fatores que influenciam os níveis de independência

Existem diversos fatores que podem influenciar os níveis de independência no autismo. Alguns desses fatores incluem a idade do diagnóstico, a qualidade e consistência do suporte recebido, as habilidades cognitivas e de linguagem da pessoa, a presença de outras condições médicas ou de saúde mental, e o ambiente em que a pessoa vive.

1.6.4. Intervenções e suporte para aumentar a independência

Para ajudar as pessoas com autismo a aumentar sua independência, existem diversas intervenções e suportes disponíveis. Essas intervenções podem incluir terapia comportamental, terapia ocupacional, terapia da fala, treinamento de habilidades sociais, apoio educacional individualizado e adaptações ambientais. O suporte adequado e personalizado pode ajudar as pessoas com autismo a desenvolver habilidades sociais, de comunicação e de vida diária.

1.6.4. A importância da inclusão e aceitação

É fundamental que a sociedade promova a inclusão e aceitação das pessoas com autismo, independentemente do nível de independência em que se encontram. A inclusão envolve garantir que todas as pessoas tenham acesso a oportunidades educacionais, de emprego e de participação na comunidade. A aceitação envolve respeitar e valorizar as diferenças individuais, reconhecendo que cada pessoa com autismo é única e tem potencial para contribuir de maneira significativa.

1.6.5. Os desafios da inclusão no autismo

A inclusão no autismo enfrenta diversos desafios, tanto no âmbito individual quanto no coletivo. No nível individual, é necessário considerar as necessidades específicas de cada pessoa autista, levando em conta suas habilidades, dificuldades e preferências. Além disso, é preciso garantir o acesso a serviços de saúde, educação e apoio adequados, bem como promover a sensibilização e o entendimento da sociedade em relação ao autismo.

No âmbito coletivo, a inclusão no autismo requer a criação de políticas públicas e a implementação de medidas concretas para garantir a inclusão das pessoas autistas em todos os aspectos da vida social. Isso envolve a adaptação de ambientes

físicos, a capacitação de profissionais e a promoção de uma cultura inclusiva, que valorize a diversidade e respeite as diferenças.

1.7. As estratégias para promover a inclusão no autismo

Existem diversas estratégias que podem ser adotadas para promover a inclusão no autismo. Uma delas é a educação inclusiva, que busca garantir que todas as crianças autistas tenham acesso a uma educação de qualidade, em escolas regulares, com o suporte necessário para seu desenvolvimento. Além disso, é importante promover a sensibilização e o entendimento do autismo na sociedade, combatendo estigmas e preconceitos.

Outra estratégia é a criação de espaços inclusivos, onde as pessoas autistas possam se sentir acolhidas e participar ativamente. Isso envolve a adaptação de ambientes físicos, a disponibilização de recursos de acessibilidade e a capacitação de profissionais para lidar com as necessidades específicas das pessoas autistas. Além disso, é fundamental promover a inclusão no mercado de trabalho, garantindo oportunidades de emprego e desenvolvimento profissional para as pessoas autistas.

1.7.1. Os benefícios da inclusão no autismo

A inclusão no autismo traz uma série de benefícios tanto para as pessoas autistas quanto para a sociedade como um todo. Para as pessoas autistas, a inclusão proporciona um ambiente acolhedor e estimulante, onde elas podem desenvolver suas habilidades e potencialidades, aumentando sua autoestima e qualidade de vida. Além disso, a inclusão no autismo promove a participação social e a construção de relações interpessoais, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais, Siqueira et. al (2016),

Para a sociedade, a inclusão no autismo promove a diversidade e a igualdade de direitos, construindo uma sociedade mais justa e inclusiva. Além disso, a inclusão no autismo traz benefícios econômicos, ao garantir a participação das pessoas autistas no mercado de trabalho e o aproveitamento de suas habilidades e talentos. A inclusão no autismo também contribui para a construção de uma cultura de respeito e valorização das diferenças, combatendo estigmas e preconceitos.

A noção de inclusão no autismo é fundamental para garantir que todas as pessoas com TEA tenham acesso a oportunidades, serviços e recursos necessários para uma vida plena e participativa na sociedade.

A inclusão no autismo enfrenta desafios, mas também traz benefícios tanto para as pessoas autistas quanto para a sociedade como um todo. Promover a inclusão no autismo requer ações concretas e a criação de políticas públicas que garantam a igualdade de direitos e a valorização das habilidades e potencialidades das pessoas autistas.

1.7.2. Desafios e superações

As pessoas com autismo enfrentam diversos desafios ao longo de suas vidas, mas também são capazes de superar obstáculos e alcançar grandes conquistas. É importante reconhecer e celebrar as conquistas individuais de cada pessoa com autismo, valorizando suas habilidades e talentos únicos. Ao oferecer suporte adequado e oportunidades inclusivas, podemos ajudar as pessoas com autismo a alcançar seu pleno potencial.

1.8. Vantagens da participação ativa da família no acompanhamento psicológico dos alunos em seu desempenho acadêmico e emocional dos alunos autistas.

A orientação no autismo é tão importante para a família quanto para a criança com TEA. O impacto do diagnóstico assusta os pais, por isso eles devem receber informações e apoio para ficarem mais confortáveis e informados sobre o espectro.

A OMS — Organização Mundial de Saúde — estima que existam 70 milhões de pessoas com autismo no mundo. Portanto, o transtorno é mais comum que pensamos, mas a inclusão e o fluxo de informações para a conscientização ainda não são suficientes.

Dessa forma, torna-se essencial a orientação familiar no autismo, para que os pais e a família se informem sobre o espectro e recebam orientações e suporte profissional. Saiba mais, neste artigo

O envolvimento dos pais tem um impacto direto no desempenho escolar das crianças. Estudos mostram que alunos cujos pais estão ativamente envolvidos tendem a ter melhores notas e comportamentos em sala de aula, segundo, Zhou (2017).

Além disso, esse envolvimento contribui para a formação de uma autoimagem positiva nas crianças. Elas sentem-se mais seguras e motivadas quando sabem que seus pais se importam com sua educação. As vantagens incluem não apenas o aumento da motivação, mas também uma maior responsabilidade pelo próprio aprendizado.

1.8.1. Importância da Orientação Familiar no autismo

A Orientação Familiar no autismo desempenha um papel fundamental no processo de intervenção e tratamento do TEA. Ela proporciona às famílias um espaço seguro para compartilhar suas experiências, dúvidas e angústias, além de oferecer suporte emocional e prático.

Através dessa abordagem, os pais e cuidadores podem adquirir conhecimentos e habilidades que os ajudarão a promover o desenvolvimento e o bem-estar de seus filhos autistas, Mirenda et al. (2022).

Os pais podem promover atividades educativas em casa, como a leitura e jogos interativos. Esse envolvimento diário apoia o desenvolvimento das habilidades necessárias para o aprendizado formal. O reforço dessas práticas em casa se reflete positivamente no ambiente escolar.

Ao participar ativamente no aprendizado de seus filhos, os pais ajudam a criar um ambiente que favorece a curiosidade e o desejo de aprender. Essa contribuição não só fortalece a relação família-escola, mas também prepara as crianças para se tornarem membros ativos e responsáveis da sociedade.

Além disso, é importante que os pais reconheçam que pequenos gestos, como incentivar a leitura ou promover discussões sobre temas relevantes, fazem uma grande diferença na formação de indivíduos íntegros e conscientes.

1.9. A importância do ambiente escolar na inclusão de alunos autistas

A inclusão escolar é um dos pilares fundamentais da educação contemporânea e consiste na garantia de acesso, permanência, participação e aprendizagem de todos

os alunos, respeitando suas singularidades. No caso dos estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), esse princípio ganha uma dimensão ainda mais significativa, uma vez que tais alunos enfrentam barreiras não apenas no campo pedagógico, mas também nas esferas social e emocional. Por isso, o ambiente escolar deve ser adaptado para acolher, apoiar e desenvolver o potencial de cada aluno autista, promovendo práticas inclusivas que contemplem suas necessidades específicas.

De acordo com Silva e Lima (2022), a escola desempenha um papel central no processo de socialização das crianças, sendo o primeiro espaço fora do ambiente familiar onde elas aprendem a interagir com o mundo ao seu redor. Para os alunos com TEA, esse espaço deve ser estruturado para oferecer segurança, previsibilidade e acolhimento, uma vez que muitos deles apresentam dificuldades na comunicação e na adaptação a mudanças de rotina. Isso implica não apenas a presença de profissionais capacitados, mas também de uma cultura escolar voltada à empatia, ao respeito à diversidade e à promoção de estratégias pedagógicas diferenciadas.

O ambiente físico da escola também influencia diretamente no processo de inclusão. Ambientes organizados, com estímulos controlados e rotinas claras, facilitam a adaptação dos alunos com autismo.

Segundo Oliveira (2020), salas de aula sensorialmente amigáveis, com poucos estímulos visuais e sonoros, ajudam a minimizar episódios de estresse e favorecem a concentração e o engajamento desses alunos nas atividades escolares. Além disso, a disponibilização de recursos didáticos visuais e o uso de tecnologias assistivas são estratégias que tornam o ensino mais acessível.

Mais do que infraestrutura, o ambiente escolar inclusivo é definido pelas relações interpessoais estabelecidas entre professores, alunos, técnicos e gestores.

Conforme apontado por Mendes e Batista (2021), a construção de vínculos afetivos com os profissionais da escola é essencial para que o aluno autista se sinta pertencente ao espaço escolar. Isso exige da equipe pedagógica uma formação continuada e sensível às especificidades do TEA, capaz de compreender comportamentos, identificar necessidades e aplicar intervenções adequadas. Um professor bem preparado é, portanto, uma ponte entre a criança e o conhecimento.

Outro aspecto relevante é a promoção da convivência entre os alunos autistas e seus colegas. A interação social é um dos principais desafios enfrentados pelas pessoas com autismo, e a escola é o espaço ideal para o desenvolvimento dessas habilidades. Interações mediadas, atividades colaborativas e projetos que incentivem a empatia entre os estudantes são fundamentais para desconstruir preconceitos e fomentar uma cultura de respeito à diversidade (Souza, 2023). Com isso, a inclusão deixa de ser apenas uma política e torna-se uma prática vivenciada no cotidiano escolar.

É importante destacar também o papel da gestão escolar nesse processo. Gestores comprometidos com a educação inclusiva são agentes transformadores do ambiente escolar. Eles devem garantir não apenas os recursos materiais e humanos necessários, mas também promover uma cultura institucional que valorize a diversidade e incentive práticas pedagógicas inclusivas.

Para isso, é essencial a implementação de políticas internas claras, a criação de espaços de diálogo com as famílias e o estímulo à formação continuada dos profissionais da escola (Rodrigues & Ferreira, 2021).

Além disso, o ambiente escolar precisa ser avaliado de forma contínua quanto à sua eficácia na promoção da inclusão. Ferramentas de avaliação e acompanhamento, como os Planos de Desenvolvimento Individual (PDI) e os registros pedagógicos específicos, auxiliam na identificação de progressos e desafios enfrentados pelos alunos autistas, permitindo ajustes nas práticas escolares. Como defendem Santos e Almeida (2022), a inclusão é um processo dinâmico que exige planejamento, monitoramento e, sobretudo, compromisso ético e pedagógico.

1.9.1. A actuação do professor como mediador do processo inclusivo

A actuação do professor como mediador do processo inclusivo é, sem dúvida, um dos fatores mais determinantes para o sucesso da inclusão escolar dos alunos com TEA. Um professor preparado, que compreende o funcionamento cognitivo e comportamental dos alunos autistas, é capaz de adaptar conteúdos, estratégias e avaliações, garantindo o acesso equitativo ao currículo. Conforme destaca Cunha (2020), a formação inicial dos docentes, por si só, não é suficiente para lidar com as

complexidades do espectro autista; é fundamental investir na formação continuada voltada para práticas inclusivas e psicopedagógicas.

A ausência de formação adequada pode gerar insegurança e resistência por parte dos educadores, comprometendo a eficácia do processo inclusivo. Estudos apontam que muitos professores sentem-se despreparados para trabalhar com alunos autistas e, frequentemente, transferem a responsabilidade para os especialistas de apoio, como psicólogos e terapeutas ocupacionais (Gomes & Oliveira, 2021). Contudo, a inclusão eficaz não depende exclusivamente de especialistas, mas da capacidade da escola como um todo de acolher, compreender e responder às necessidades desses alunos.

Além da formação, a colaboração entre os profissionais da escola, especialmente entre professores regulares e os de educação especial, é fundamental. Essa atuação colaborativa permite a construção de estratégias pedagógicas individualizadas e mais eficazes, respeitando o ritmo e as habilidades de cada aluno com TEA. Como pontuam Souza e Ribeiro (2022), a educação inclusiva deve ser pensada de maneira coletiva, com o envolvimento ativo de todos os atores da comunidade escolar, incluindo a direção, a equipe técnica, os docentes e os próprios alunos.

Nesse processo, o papel da equipe multiprofissional também é essencial. Psicólogos escolares, terapeutas da fala, psicopedagogos e assistentes sociais são profissionais que contribuem significativamente para o diagnóstico, o planejamento e o acompanhamento dos alunos com autismo.

A presença de uma equipe multiprofissional dentro da escola, ou ao menos a articulação com serviços externos, amplia as possibilidades de suporte às famílias e à equipe pedagógica. Segundo Ferreira e Martins (2023), a atuação integrada entre esses profissionais favorece a criação de um ambiente mais seguro, previsível e acolhedor para o aluno com TEA.

Outro aspecto relevante para a construção de um ambiente escolar inclusivo é o envolvimento da família. A escola não pode agir de forma isolada; é necessário

estabelecer uma relação de parceria com os pais ou responsáveis, promovendo uma comunicação contínua e transparente.

A troca de informações entre escola e família sobre o comportamento, o progresso e as dificuldades do aluno é crucial para o desenvolvimento de intervenções eficazes. Como afirmam Lima e Rocha (2021), quando a família é orientada e participa ativamente do processo educativo, o aluno tende a apresentar avanços mais significativos em sua trajetória escolar.

O ambiente escolar inclusivo também deve promover a valorização das diferenças como elemento enriquecedor do processo educativo. A presença de alunos com TEA na sala de aula regular representa uma oportunidade de aprendizado para todos os envolvidos, pois estimula o desenvolvimento de competências socioemocionais como a empatia, a solidariedade e o respeito ao outro. De acordo com Damasceno (2020), a convivência com a diversidade prepara os estudantes para uma sociedade mais justa e equitativa, em que todos tenham espaço para se expressar e se desenvolver.

É importante destacar, no entanto, que a inclusão não deve ser confundida com a simples inserção física do aluno com autismo na sala de aula regular. A inclusão verdadeira implica em garantir condições reais de participação e aprendizagem, o que exige planejamento pedagógico individualizado, adaptações curriculares, apoio especializado e atitudes positivas por parte de todos os membros da comunidade escolar.

Segundo (Pereira, 2022). Portanto, o ambiente escolar deve ser entendido como um espaço em constante construção, onde os valores inclusivos precisam ser praticados de forma cotidiana e consistente.

1.10. A família como base no desenvolvimento da criança

A família é reconhecida como a primeira e principal instituição socializadora do indivíduo, desempenhando um papel essencial no desenvolvimento cognitivo, emocional, afetivo e social da criança. Desde os primeiros anos de vida, é no seio familiar que a criança aprende valores, normas, formas de comunicação e comportamentos que a acompanharão ao longo de sua trajetória.

Conforme afirma Bronfenbrenner (1996), o desenvolvimento infantil é fortemente influenciado pelo ambiente mais próximo da criança, e a família é o núcleo central desse sistema ecológico.

O apoio, a segurança emocional e a estabilidade fornecidos por um ambiente familiar saudável contribuem significativamente para o pleno desenvolvimento infantil. Quando há vínculos afetivos consistentes, estímulo à autonomia, escuta ativa e presença, a criança se sente valorizada e mais propensa a desenvolver competências emocionais e sociais. Para Bowlby (1984), a formação de vínculos afetivos seguros entre a criança e seus cuidadores é essencial para que ela desenvolva confiança básica, sentimento de pertencimento e capacidade de se relacionar com o mundo.

Esses vínculos são ainda mais importantes quando se trata de crianças com necessidades específicas, como aquelas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

O papel da família, nesses casos, se amplia, pois ela se torna não apenas uma base afetiva, mas também um agente ativo na mediação com os serviços de saúde, educação e assistência. De acordo com Silva e Andrade (2021), a família de uma criança com autismo enfrenta desafios significativos, exigindo orientação contínua para lidar com as dificuldades comunicativas e comportamentais, bem como para garantir a inclusão social e educacional do filho.

É fundamental destacar que a participação da família no processo de desenvolvimento da criança não se resume à provisão de cuidados básicos. A literatura aponta que o envolvimento ativo dos pais na vida escolar e nas atividades de estimulação precoce está diretamente relacionado a melhores desempenhos acadêmicos e sociais (Oliveira & Lima, 2020). Isso inclui a colaboração nas tarefas escolares, o acompanhamento psicológico, o incentivo à leitura e a promoção de atividades lúdicas e de socialização.

A interação entre família e escola é um fator determinante para o sucesso da inclusão de crianças com necessidades especiais. Como destaca Mantoan (2015), o processo de inclusão não pode ser responsabilidade exclusiva da escola ou da família, devendo ser uma construção conjunta e colaborativa. Quando há diálogo, confiança mútua e troca de informações entre os profissionais da educação e os familiares, as

estratégias pedagógicas tornam-se mais eficazes e adaptadas às reais necessidades da criança.

Outro aspecto relevante é a forma como a família lida com o diagnóstico de uma deficiência ou transtorno. Segundo Amaral (2018), o impacto emocional do diagnóstico pode gerar sentimentos de negação, culpa, ansiedade ou luto, afetando a dinâmica familiar e o vínculo com a criança. Nesse sentido, o apoio psicológico e a orientação familiar são fundamentais para o fortalecimento emocional dos cuidadores, favorecendo um ambiente mais acolhedor e positivo para a criança. “Uma família emocionalmente estruturada consegue oferecer suporte consistente e promover o desenvolvimento das potencialidades do filho com deficiência” (Amaral, 2018, p. 112).

Além do apoio psicológico, políticas públicas voltadas ao fortalecimento das famílias são necessárias. Muitas famílias enfrentam dificuldades financeiras, sociais e de acesso aos serviços básicos, o que impacta diretamente na qualidade do acompanhamento oferecido à criança. Para Costa e Pereira (2019), a ausência de políticas intersetoriais eficazes perpetua a desigualdade de oportunidades e compromete o direito das crianças ao desenvolvimento pleno.

A figura parental, especialmente, desempenha um papel de modelo para a criança. Bandura (2002), em sua teoria da aprendizagem social, argumenta que as crianças aprendem por observação e imitação, absorvendo comportamentos, atitudes e valores dos adultos que as cercam. Assim, quando os pais demonstram comportamentos positivos, como empatia, resiliência e respeito ao outro, estão contribuindo diretamente para a formação do caráter e da personalidade dos filhos.

No contexto da criança com autismo, os comportamentos parentais positivos e responsivos são ainda mais cruciais. Estudos demonstram que pais envolvidos, que estimulam a comunicação e estão abertos a aprender sobre o TEA, favorecem o progresso da criança em diversas áreas do desenvolvimento, especialmente na linguagem e nas habilidades sociais (Schreibman et al., 2015). É por meio do vínculo familiar que a criança encontra motivação, segurança e estímulo para explorar o mundo.

É importante considerar, também, que as famílias precisam ser fortalecidas com conhecimento. A informação é uma das ferramentas mais poderosas para

empoderar os pais no processo de desenvolvimento infantil. Famílias bem informadas sobre o funcionamento do autismo, os direitos da criança e as possibilidades de intervenção se tornam agentes ativos e conscientes no processo de inclusão e reabilitação. Como afirmam Rodrigues e Cunha (2020), a orientação familiar é um fator-chave para a eficácia das intervenções clínicas e pedagógicas, pois assegura a continuidade das ações no ambiente doméstico.

A valorização do papel da família no desenvolvimento da criança tem, inclusive, respaldo legal. O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990), em seu artigo 4º, estabelece que é dever da família assegurar à criança, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade e à convivência familiar e comunitária. Esse dispositivo reforça a responsabilidade compartilhada entre a família, o Estado e a sociedade na proteção integral da infância.

Em síntese, a família constitui o primeiro e mais significativo espaço de desenvolvimento da criança. Seja no fortalecimento dos vínculos afetivos, na estimulação cognitiva ou no apoio às intervenções terapêuticas e escolares, o papel da família é insubstituível. Investir no fortalecimento das famílias é, portanto, investir no desenvolvimento infantil, na inclusão e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. O envolvimento, o afeto e a participação ativa da família são os pilares que sustentam o processo de desenvolvimento pleno da criança, com ou sem deficiência.

1.11. O papel do acompanhamento psicológico na vida escolar do aluno autista

A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas instituições escolares é uma realidade cada vez mais presente nos sistemas educacionais contemporâneos. No entanto, o processo de inclusão vai além da simples matrícula. Ele exige práticas pedagógicas adaptadas, formação docente e, principalmente, apoio interdisciplinar, sendo o acompanhamento psicológico uma das ferramentas fundamentais nesse cenário. O suporte psicológico ao aluno autista no ambiente escolar promove não apenas o desenvolvimento acadêmico, mas também a estabilidade emocional, a adaptação social e a autonomia, elementos essenciais para sua permanência e sucesso na escola.

O Transtorno do Espectro Autista é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por dificuldades na comunicação, na interação social e por padrões restritos e repetitivos de comportamento (American Psychiatric Association [APA], 2013). Essas características influenciam diretamente a vivência escolar do aluno com TEA, tornando essencial o papel do psicólogo no apoio à sua adaptação e progresso.

Segundo Schmidt et al. (2019), o acompanhamento psicológico permite a compreensão do perfil de cada aluno, facilitando intervenções mais personalizadas que respeitam as singularidades do indivíduo.

O psicólogo escolar atua em diversas frentes, entre elas o acolhimento emocional, o suporte nas interações sociais e a orientação à equipe pedagógica e à família. Quando o aluno autista recebe acompanhamento psicológico adequado, é possível observar melhorias significativas em sua autoestima, regulação emocional e participação nas atividades escolares (Santos & Cunha, 2020). A atuação desse profissional também contribui para a prevenção de crises, o manejo de comportamentos desafiadores e a criação de um ambiente mais inclusivo e compreensivo.

Uma das maiores dificuldades enfrentadas por alunos autistas no ambiente escolar está relacionada à interação social. A psicologia, por meio de técnicas como a mediação de conflitos, o treino de habilidades sociais e o uso de atividades estruturadas, auxilia na criação de estratégias para facilitar a comunicação e as relações interpessoais desses estudantes.

Segundo Silva e Almeida (2021), o desenvolvimento de habilidades sociais é um fator-chave para a adaptação escolar do aluno com TEA, pois amplia suas possibilidades de interação e reduz o isolamento social.

Além disso, o acompanhamento psicológico também é essencial no processo de transição entre as etapas escolares. Mudanças de turma, de professores ou de rotina podem ser extremamente estressantes para o aluno autista. De acordo com Costa e Fernandes (2020), o psicólogo pode intervir de maneira preventiva, elaborando planos de transição individualizados que minimizem os impactos emocionais dessas mudanças e garantam maior estabilidade ao estudante.

Outro aspecto relevante da atuação psicológica na escola é o apoio ao corpo docente. Muitos professores ainda não possuem formação específica para lidar com as demandas dos alunos com autismo, o que pode gerar insegurança, estresse e até resistência à inclusão. O psicólogo, nesse contexto, pode oferecer capacitações, rodas de conversa, escuta ativa e orientação prática, promovendo a construção de um ambiente mais empático e colaborativo (Melo & Brito, 2022).

“O psicólogo escolar, ao atuar junto aos professores, contribui para a compreensão das necessidades dos alunos com TEA e ajuda na elaboração de estratégias pedagógicas mais eficazes” (Melo & Brito, 2022, p. 76).

A relação entre a escola e a família também se fortalece com a presença do psicólogo. A escuta e o suporte emocional aos pais, bem como o esclarecimento sobre o processo de aprendizagem do filho, são fundamentais para alinhar expectativas e fortalecer o vínculo entre escola e comunidade. Para Lima e Rios (2018), o psicólogo funciona como um mediador entre esses dois universos, promovendo o diálogo e a corresponsabilidade no processo educacional da criança.

Vale destacar, ainda, o impacto positivo do acompanhamento psicológico na saúde mental dos próprios alunos. Crianças com TEA são mais propensas a desenvolver sintomas de ansiedade, depressão e estresse escolar, especialmente quando se sentem incompreendidas ou excluídas (Garcia et al., 2021). O suporte emocional oferecido pelo psicólogo ajuda a reduzir esses sintomas, oferecendo um espaço seguro de escuta, expressão de sentimentos e elaboração de conflitos internos.

Contudo, ainda há muitos desafios a serem superados. Em muitas escolas, especialmente em regiões mais afastadas ou com poucos recursos, não há psicólogos atuando diretamente na rotina escolar. Isso limita o potencial de intervenção precoce e de acompanhamento sistemático das necessidades emocionais dos alunos. Segundo Oliveira e Souza (2020), é urgente ampliar os investimentos em políticas públicas que garantam a presença efetiva de psicólogos na escola, principalmente para acompanhar alunos com deficiências.

Por outro lado, quando presente, o psicólogo escolar pode também trabalhar com o desenvolvimento de projetos que estimulem a empatia, a diversidade e a

convivência respeitosa entre todos os alunos, o que é essencial para combater o preconceito e o bullying, situações frequentemente vivenciadas por alunos com autismo. Ações como oficinas, dinâmicas de grupo e campanhas de conscientização ajudam a promover uma cultura de respeito e inclusão (Martins & Lima, 2019).

A actuação integrada entre psicólogos, professores, coordenadores, famílias e terapeutas externos é a chave para a construção de um plano educacional individualizado e eficaz. Esse plano deve considerar não apenas os aspectos pedagógicos, mas também emocionais e sociais, buscando o pleno desenvolvimento da criança. Segundo Schreibman et al. (2015), intervenções baseadas na colaboração entre escola e profissionais da saúde tendem a apresentar melhores resultados a longo prazo, pois promovem a continuidade e coerência nas ações voltadas ao aluno com TEA.

Portanto, é inegável que o acompanhamento psicológico é um elemento estruturante na vida escolar do aluno autista. Mais do que um suporte pontual, trata-se de uma ação contínua e multidimensional, que potencializa a aprendizagem, a autonomia e o bem-estar do estudante. A escola que reconhece e valoriza esse acompanhamento está mais preparada para cumprir sua missão inclusiva, formando cidadãos mais conscientes, resilientes e respeitados em suas singularidades.

CAPITULO II. METODOLOGIA DE PESQUISA.

A Metodologia é um ramo da lógica que se ocupa dos métodos das diferentes ciência, (Quissua 2019. p. 17).

Neste capítulo apresentamos os materiais e métodos de investigação aplicados no desenvolvimento desta pesquisa, para dar ênfese sobre os aspectos que fundamentam a Orientação familiar como ferramenta fundamental no acompanhamento psicológico dos alunos. Todavia, para a concretização desta pesquisa utilizaremos um conjunto de métodos de nível teórico, empíricos e Matemático.

2.1. Tipo de Pesquisa.

Para elaboração deste trabalho fizemos o recurso a pesquisa Descritiva, por levantamento de dados, esta via de pesquisa, terá como objectivo de colectar informações quantitativas e qualitativas de um assunto específico.

Segundo Nkuansambu (2022, p. 43): pesquisa descritiva, "é a investigação que procura determinar a natureza e grau de condições existentes".

Segundo Oliveira, (2011, p. 78): pesquisas descritiva "consiste em estudar as propriedades do objeto ou fenómeno. Ela visa comparar ou analisar aspectos, dimensões, componentes de um determinado objeto." Nela os fenómenos são observados registados e interpretados, mas não se manipulam as variáveis".

2.2. Modelo de abordagem

Quanto à abordagem, trata-se de abordagem **Quali-quantitativa**.

Pesquisa Quali-quantitativa

Segundo, Marconi e Lakatos (2008), entende que este tipo de abordagem usa tanto os métodos quantitativos quanto qualitativos, esta categoria de pesquisa possibilita um cruzamento muito maior dos dados e o peso da pesquisa.

Escolhemos este modelo de abordagem na intenção de apresentar uma pesquisa Subjetiva que envolve descrição de dados, análise documental com opiniões diversas e o estudo de campo e de várias opiniões de forma intender os fenómenos sócias e humanas. E por outra, através da quantificação dos resultados objetivos e palpáveis tendo em conta a população e amostra que envolve a pesquisa.

2.3. Métodos de Estudo

a) Métodos de nível Teóricos

- **Análise e Síntese** Estes dois procedimentos teóricos desempenham funções importantes na investigação científica. A análise é um procedimento teórico mediante o qual todo complexo se decompõe nas suas diversas partes e qualidades, já a síntese estabelece mentalmente a união entre as partes previamente analisadas e possibilita a descoberta das relações essenciais e características gerais entre elas. (Ramos & Naranjos, 2013).
- **Método dedutivo**, “é a operação inversa da indução, parte do conhecimento geral para o particular, das teorias e leis para reduzir a ocorrência de fenômenos particulares.” (Nkuansambu, 2022, p. 43).
- **Hipotético – Dedutivo**, fazendo o uso deste método, um investigador propõe uma hipótese como consequência das suas inferências do conjunto de dados empíricos ou de princípios ou leis que partem do geral e, a seguir, desce a o particular, Ramos (2014, p. 115).
- **Histórico**, neste método, o foco está na investigação de acontecimentos ou instituições do passado, para verificar sua influência na sociedade de hoje; “As instituições alcançaram sua forma atual através de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época”. Lakatos e Marconi (2008, p. 107).

b) Métodos de nível Empíricos

Bibliográfico: “visa a busca de informações bibliográficas, permitindo navegar nos pensamentos dos mais variados autores” Para Marconi e Lakatos (2008, p. 47)

Com este tema foi possível consultar diversas escrituras que fundamentam o tema em estudo como (Livros, Site, revistas etc.).

C) Método de nível Estatístico.

Conforme afirma Quissua (2016), “este método se fundamenta na aplicação da teoria estatística da probabilidade e constitui importante auxílio para a investigação em ciências sociais.”

Este método nos permitiu-nos clarificar as probabilidades estatísticas da população e amostra que constituirá, o tema em estudo”.

2.4. Técnica e Instrumento

Para a consecução dos objectivos previstos faremos recursos às seguintes técnicas e instrumentos:

a) Técnica

A técnica de recolha será o **Questionário**, esta técnica nos permitirá verificar de forma clara e precisa o sucesso da Orientação familiar como ferramenta fundamental no acompanhamento psicológico dos alunos.

b) Instrumento de Pesquisa.

O **Questionário** será o instrumento aplicado, sob forma escrita com perguntas fechadas, com objetivo de colher informações sobre Orientação familiar como ferramenta fundamental no acompanhamento psicológico dos alunos, assim como a grelha de observação.

2.5. Procedimentos para a recolha de dados

Os nossos dados foram recolhidos através das respostas dos questionários obtidos, apresentados em Tabelas e Gráficos configurados a partir do Microsoft Excel e Word, para melhor esclarecimento. No que tange as citações, normas e referências bibliográficas utilizaremos a Norma APA (Associação dos Psicólogos Americanos). Em conformidade como regulamento Interno do ISA.

2.6. População e Amostra

População

População (ou Universo) é o conjunto de todos os elementos (pessoas ou objetos) cujo pesquisador está interessado em estudar. Segundo, Quissua, (2016). A população da nossa investigação será constituída de **100** Indivíduos.

Amostra

Segundo França, (2007) a amostra é um subconjunto representativo da população em estudo. Essa representatividade só quando apresenta a mesma característica.

A nossa Amostra foi composta de 70 indivíduos. Número este equivalente a 70% da População, e a mesma será constituída de forma Amostragem Aleatória Simples Estratificada. Dos quais: (7) Direcção e Chefia, (25) Professores, (38) Encarregados de educação.

Tabela 1 - Demonstração representativa da População e Amostra.

Indicadores	Indivíduos	Percentagem
População	100	100%
Amostra	70	70%

Fonte: Elaboração Própria.

Tabela 2 - Demonstração de Amostra de acordo Gênero.

Indicadores	Masculino		Feminino		Total	Percentagem
Amostra	30	43%	40	57%	70	100%

Fonte: Elaboração Própria.

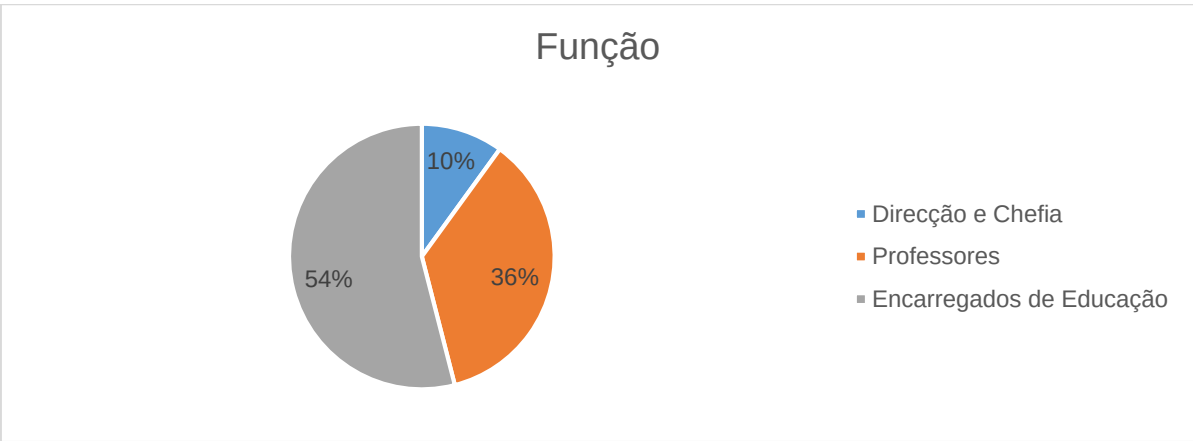
CAPITULO III. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Tabela nº 3 - Descrição funções.

Descrição	Frequência	Percentagem
Direcção e Chefia Administrativo	7	10%
Professores	25	36%
Encarregados de Educação	38	54%
Total	70	100%

Fonte: Elaboração Própria

Gráfico nº 3 - Descrição de funções.



Fonte: Elaboração Própria

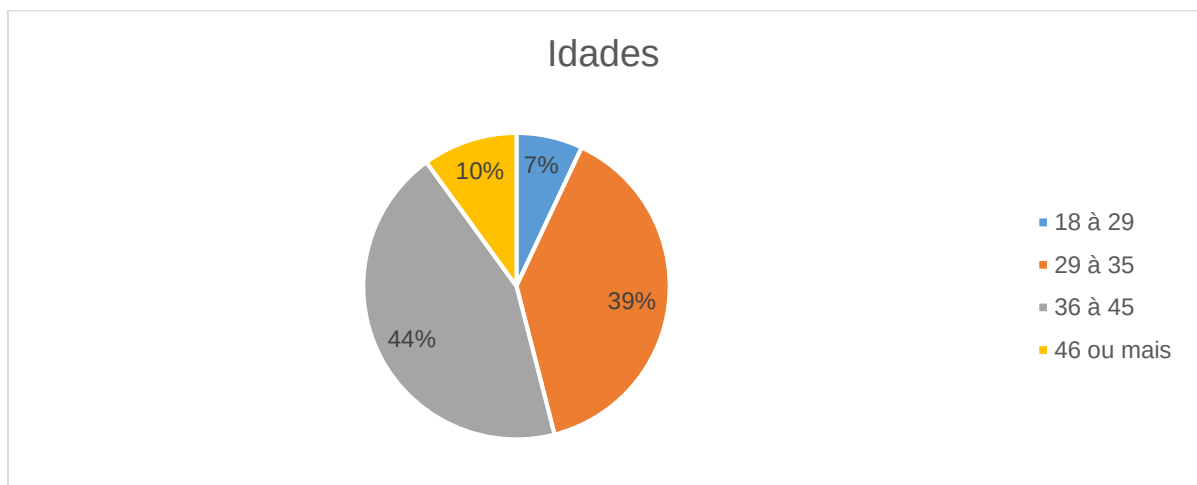
Interpretação: De acordo a descrição de funções, e com base os dados recolhidos, foi possível entender que, 7 indivíduos fazem parte Direcção e Chefia com a margem percentual de 10%, 25 professores com a margem percentual de 36% e 38 Encarregados de Educação com a margem percentual de 54%.

Tabela nº 4 - Idade.

Descrição	Frequência	Percentagem
18 á 28	5	7%
29 á 35	27	39%
36 á 45	31	44%
46 ou mais	7	10%
Total	70	100%

Fonte: Elaboração Própria

Gráfico nº 4 – Idade.



Fonte: Elaboração Própria

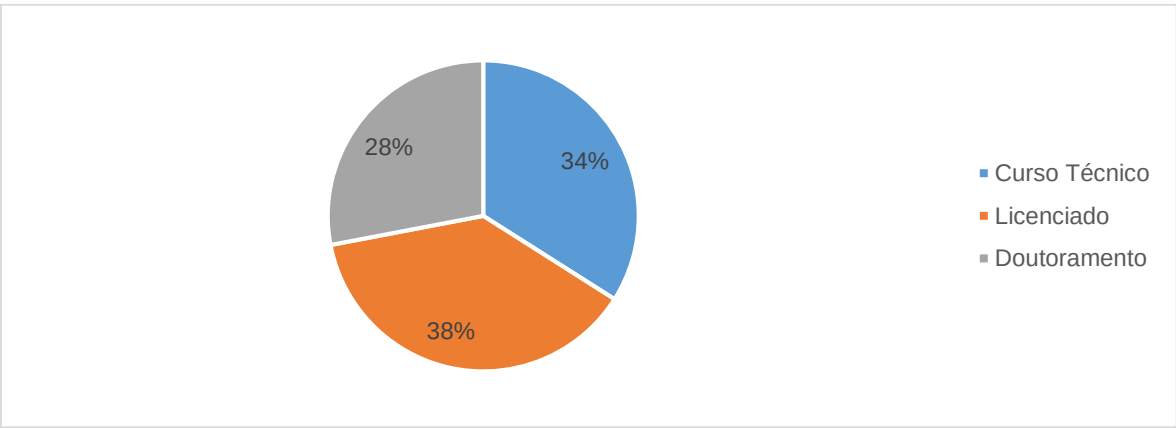
Interpretação: Com relação as idades, os indivíduos questionados estão na faixa etária de 36 à 45 anos de Idade, representados com a margem de 44%, seguida de 29 à 35 com a margem de 39%.

Tabela nº 5 – Nível de Ensino Frequentado

Descrição	Frequência	Percentagem
Curso Técnico frequentado	11	34%
Licenciatura	12	38%
Doutoramento	9	28%
Total	32	100%

Fonte: Elaboração Própria

Gráfico nº 5 – Nível de Ensino Frequentado



Fonte: Elaboração Própria

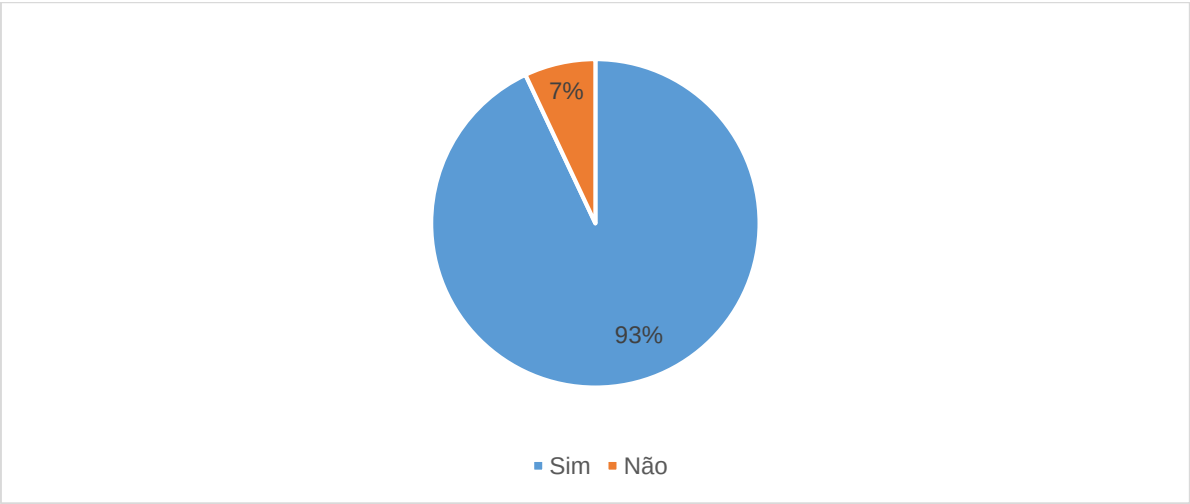
Interpretação: Da interpretação feita foi possível entender que o pessoal da escola são maioritariamente Licenciados, com margem de 38% de resultado, seguidos por técnicos médio, com 34%.

Tabela nº 6 – A presença de família no processo de ensino e aprendizagem permite o bem-estar psicológico dos alunos autistas do colégio 4014 de Cacuaco-Luanda no segundo semestre de 2024.

Descrição	Frequência	Percentagem
Sim	65	93%
Não	5	7%
Total	70	100%

Fonte: Elaboração Própria

Gráfico nº 6 - A presença de família no processo de ensino e aprendizagem permite o bem-estar psicológico dos alunos autistas do colégio 4014 de Cacuaco-Luanda no segundo semestre de 2024.



Fonte: Elaboração Própria

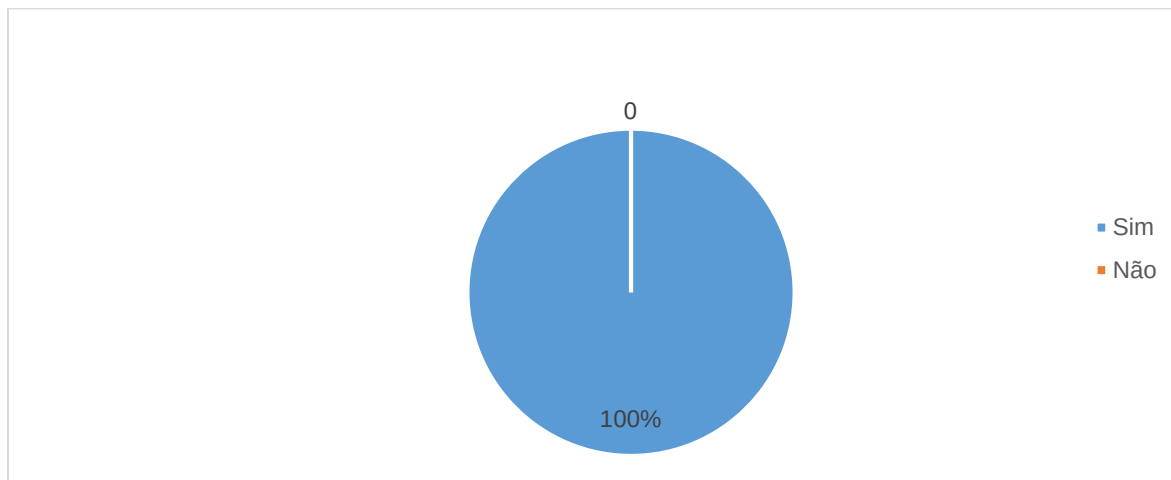
Interpretação: No que diz respeito a participação conjunta em actividades em sala de aulas, e estratégia de ensino para inclusão de alunos autistas, foi possível perceber que 65 indivíduos consideram importante, com uma percentagem de 93%. Segundo (Rodrigues, 2006, p. 5), “a educação inclusiva, procura promover o desenvolvimento da escola, a todos os níveis e para todos os alunos”.

Tabela nº 7 – Considera importante o envolvimento dos pais e profissionais no processo de inovação pedagógica e inclusão de alunos autistas.

Descrição	Frequência	Percentagem
Sim	26	100%
Não		
Total	26	100%

Fonte: Elaboração Própria

Gráfico nº 7 - Considera importante o envolvimento dos pais e profissionais no processo de inovação pedagógica e inclusão de alunos autistas.



Fonte: Elaboração Própria

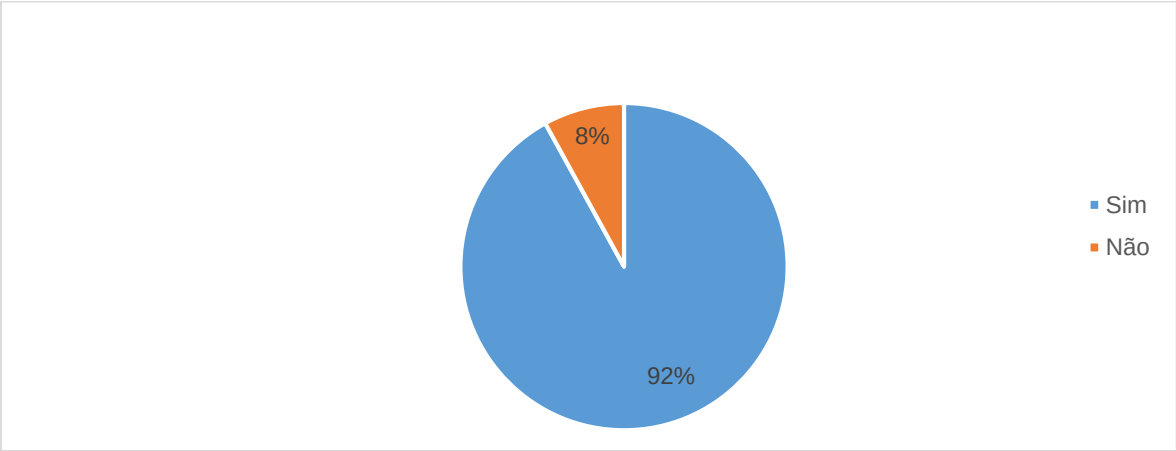
Interpretação: Da interpretação feita foi possível entender que o pessoal da escola e os encarregados de educação, consideram importante o envolvimento dos pais e profissionais no processo de inovação pedagógica e inclusão de alunos autistas, com o total absoluto de 100%. Na visão de Correia, (2008). Os professores assim como as famílias necessitam de formações específicos que lhes permitam perceber minimamente as problemáticas que os seus alunos apresentam, assim como devem-se ter o bom Atendimento Educacional Especializado.

Tabela nº 8 – O acompanhamento familiar contribui para o melhor desempenho acadêmico e emocional dos alunos autistas em sala de aulas.

Descrição	Frequência	Porcentagem
Sim	24	92%
Não	2	8%
Total	26	100%

Fonte: Elaboração Própria

Gráfico nº 8 - O acompanhamento familiar contribui para o melhor desempenho acadêmico e emocional dos alunos autistas em sala de aulas.



Fonte: Elaboração Própria

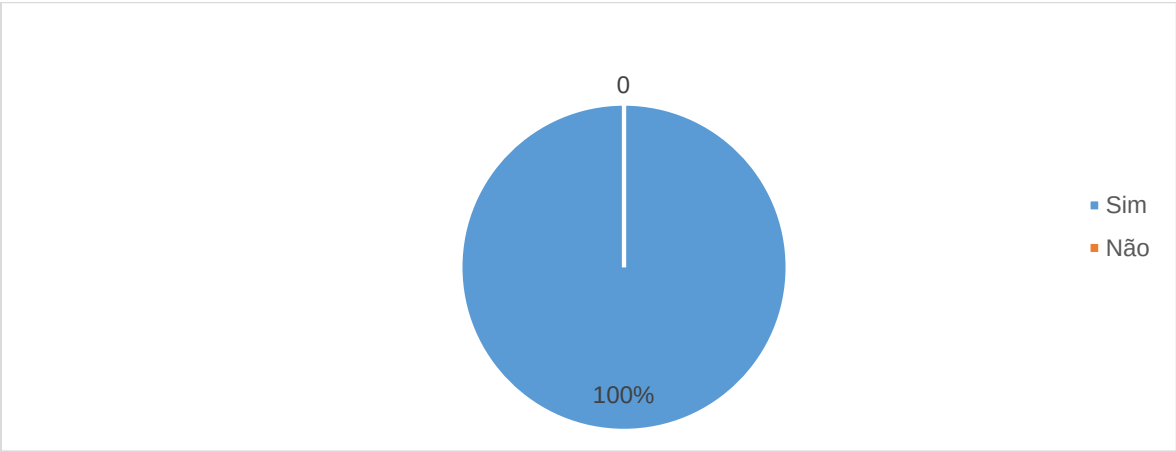
Interpretação: O acompanhamento familiar contribui para o melhor desempenho acadêmico e emocional dos alunos autistas em sala de aulas, com a margem de 92% a favor, certo que, a orientação Familiar no autismo, desempenha um papel fundamental no processo de intervenção e tratamento do TEA. Ela oferece suporte e orientação para as famílias, auxiliando os pais e cuidadores a compreenderem melhor o autismo e desenvolverem estratégias eficazes para lidar com os desafios que surgem no dia a dia.

Tabela nº 9 – A participação ativa da família no acompanhamento psicológico dos alunos em seu desempenho acadêmico e emocional dos alunos autistas no colégio 4014 de Cacuaco-Luanda no segundo semestre de 2024.

Descrição	Frequência	Porcentagem
Sim	26	100%
Não	0	0%
Total	26	100%

Fonte: Elaboração Própria

Gráfico nº 9 - A participação ativa da família no acompanhamento psicológico dos alunos em seu desempenho acadêmico e emocional dos alunos autistas no colégio 4014 de Cacuaco-Luanda no segundo semestre de 2024.



Fonte: Elaboração Própria

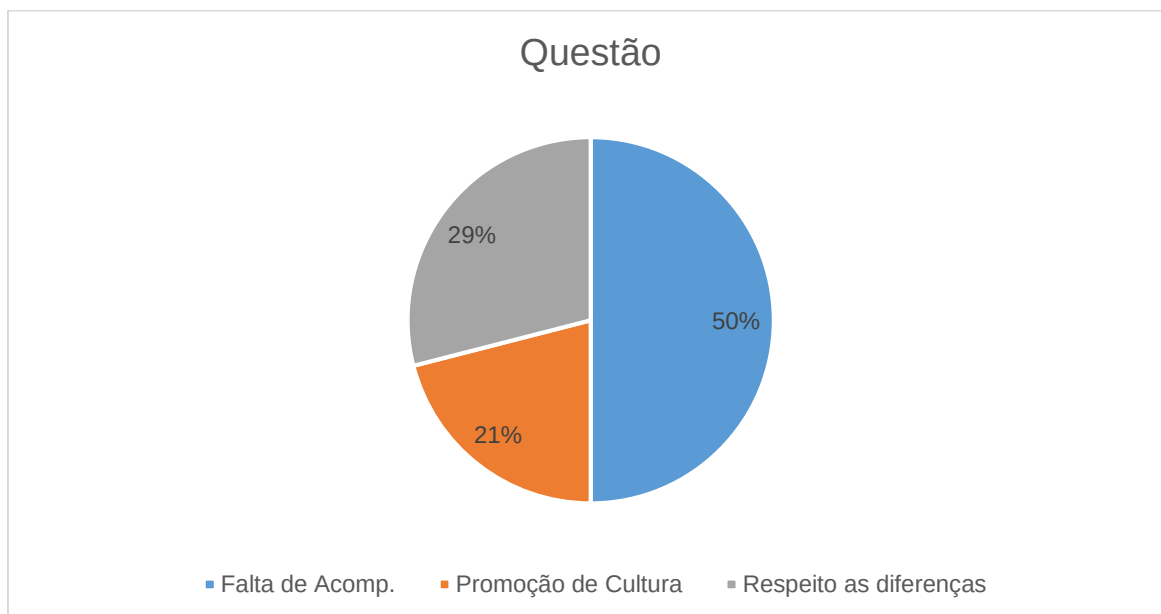
Interpretação: Diante desta afirmação, consideram viável, A participação ativa da família no acompanhamento psicológico dos alunos em seu desempenho acadêmico e emocional dos alunos autistas no colégio 4014 de Cacuaco-Luanda no segundo semestre de 2024, com 100%. A favor. É fundamental destacar que a participação da família no processo de desenvolvimento da criança não se resume à provisão de cuidados básicos. A literatura aponta que o envolvimento ativo dos pais na vida escolar e nas atividades de estimulação precoce está diretamente relacionado a melhores desempenhos acadêmicos e sociais (Oliveira & Lima, 2020).

Tabela nº 10 – Barreiras ou desafios enfrentados pelas famílias e profissionais na inclusão de alunos autistas.

Descrição	Frequência	Percent.
Falta de acompanhamento pedagógico especializado	35	50%
Promoção de uma cultura inclusiva	15	21%
Valorização a diversidade e respeito as diferenças	20	29%
Total		100%

Fonte: Elaboração Própria

Gráfico nº 10 – Barreiras ou desafios enfrentados pelas famílias e profissionais na inclusão de alunos autistas.



Fonte: Elaboração Própria

Interpretação: Com base esta afirmação, as barreiras ou desafios enfrentados pelas famílias e profissionais na inclusão de alunos autistas, foi apontado com 50% Falta de acompanhamento pedagógico especializado, seguida com 29%, Valorização a diversidade e respeite as diferenças. Conforme afirma Bronfenbrenner (1996), o desenvolvimento infantil é fortemente influenciado pelo ambiente mais próximo da criança, e a família é o núcleo central desse sistema ecológico.

4. CONCLUSÕES

Por fim, a orientação Familiar no autismo, desempenha um papel fundamental no processo de intervenção e tratamento do T.E.A. Ela oferece suporte e orientação para as famílias, auxiliando os pais e cuidadores a compreenderem melhor o autismo e desenvolverem estratégias eficazes para lidar com os desafios que surgem no dia a dia. Além disso, essa abordagem traz uma série de benefícios tanto para os pais quanto para a criança autista, contribuindo para o desenvolvimento e bem-estar de todos os membros da família.

- A participação conjunta em atividades em sala de aulas, e estratégia de ensino para inclusão de alunos autistas, foi possível perceber que 65 indivíduos consideram importante, com uma percentagem de 93%.
- O pessoal da escola e os encarregados de educação, consideram importante o envolvimento dos pais e profissionais no processo de inovação pedagógica e inclusão de alunos autistas, com o total absoluto de 100%.
- O acompanhamento familiar contribui para o melhor desempenho acadêmico e emocional dos alunos autistas em sala de aulas, com a margem de 100% a favor.
- As barreiras ou desafios enfrentados pelas famílias e profissionais na inclusão de alunos autistas, foi apontado com 50% Falta de acompanhamento pedagógico especializado, seguida com 29%, Valorização a diversidade e respeito as diferenças.

5. SUGESTÕES

As pessoas com autismo enfrentam diversos desafios ao longo de suas vidas, mas também são capazes de superar obstáculos e alcançar grandes conquistas. É importante reconhecer e celebrar as conquistas individuais de cada pessoa com autismo, valorizando suas habilidades e talentos únicos. Nesta conformidade, sugerimos que se intensifica:

- Acompanhamento psicológico dos alunos afectados com TEA;
- Terapia em grupo;
- Procurem um especialista o quanto antes;
- Facilidade de ter informações sobre o autismo, com isso, as famílias mais preparadas estarão para lidar com suas expectativas quanto ao desenvolvimento e o futuro de seus filhos.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

- Abreu, M. C. e Masetto, M. T. (2019). *O professor universitário em aula: prática e princípios teóricos*. São Paulo: Cortez.
- Aldonado, M. T. (2005). *Construindo a família: caminhos e desafios*, Vozes.
- Amaral, R. F. (2018). *Família e deficiência: desafios e superações no cotidiano*. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 24(2), 109-122. <https://doi.org/10.1590/1980-54702018v24n2p109>
- American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders (5th ed.)*. Arlington, VA: American Psychiatric Publishing.
- American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders (5th ed.)*. APA Publishing.
- André, M. (2013). *Pedagogia das diferenças na sala de aula*. Campinas: Papirus.
- Bandura, A. (2002). *Social cognitive theory of mass communication*. In J. Bryant & D. Zillmann (Eds.), *Media effects: Advances in theory and research (2nd ed., pp. 121–153)*. Lawrence Erlbaum Associates.
- Bohoslavsky, R. (1995). *Orientação vocacional: a estratégia clínica*. Cortez.
- Bowlby, J. (1984). *Apego e perda: apego (Vol. 1)*. Martins Fontes.
- Brasil. (2008). *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Ministério da Educação.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experiências ao longo da vida*. Artmed.
- Costa, A. S., & Pereira, L. A. (2019). *Famílias de crianças com deficiência: desafios e políticas de apoio*. *Revista Serviço Social e Sociedade*, 38(127), 245-261. <https://doi.org/10.1590/0101-662820191273>
- Costa, M. F., & Fernandes, S. T. (2020). *A atuação do psicólogo escolar no processo de transição de alunos com autismo*. *Revista Psicologia Escolar e Educacional*, 24(1), 22-35.

Cunha, A. R. (2020). *Formação docente e inclusão: desafios e possibilidades no ensino de alunos com autismo*. *Revista Educação e Realidade*, 45(3), 1-20. <https://doi.org/10.1590/2175-623610033>

D, Austin DW. (2020) *Psychopathology in parents of children with autism spectrum disorder: A systematic review and meta-analysis of prevalence*. *Autism*. Jan;24(1):26-40. doi: 10.1177/1362361319844636. Epub 2019 May 9. PMID: 31070044.

Damasceno, L. F. (2020). *Inclusão escolar e diversidade: perspectivas e práticas pedagógicas*. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 26(1), 99-114. <https://doi.org/10.1590/s1413-653826120200007>

Estes A, Vismara L, Mercado C, Fitzpatrick A, Elder L, Greenson J, Lord C, Munson J, Winter J, Young G, Dawson G, Rogers S. (2014) *The impact of parent-delivered intervention on parents of very young children with autism*. *J Autism Dev Disord*. Feb;44(2):353-65. doi: 10.1007/s10803-013-1874-z. PMID: 23838727; PMCID: PMC3888483.

FAVERO, Maria Ângela Bravo and SANTOS, Manoel Antônio dos. (2005) *Autismo infantil e estresse familiar: uma revisão sistemática da literatura*. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 2005, vol.18, n.3 [cited 2020-09-15], pp.358-369.

Ferreira, M. J., & Martins, V. A. (2023). *A atuação da equipe multiprofissional na inclusão de alunos com TEA: uma abordagem colaborativa*. *Cadernos de Educação Especial*, 38(1), 55-72. <https://doi.org/10.5902/1984686X68077>

Garcia, L. M., Dias, F. J., & Almeida, C. B. (2021). *Saúde mental e inclusão: o impacto do acompanhamento psicológico em alunos com autismo*. *Revista Brasileira de Psicologia Escolar*, 30(2), 94-110. <https://doi.org/10.1590/2175-35392021202115>

Gomes, C. L., & Oliveira, T. P. (2021). *Percepções docentes sobre a inclusão de alunos com autismo no ensino regular*. *Revista Psicopedagogia*, 38(115), 41-50. <https://doi.org/10.5935/0103-8486.20210007>

GOMES, Paulyane T.M. et al. (2015) *Autismo no Brasil, desafios familiares e estratégias de superação: revisão sistemática*. *J. Pediatr. (Rio J.)* [online]. vol.91, n.2 [cited 2020-09-15].

- Lakatos E.M & Marconi M, (2008). *Metodologia de Investigação*. 2ª ed. Atlas. São Paulo.
- Lima, R. C. A (2014) *Construção Histórica Do Autismo (1943-1983)*. *Ciências Humanas E Sociais Em Revista*, V. 36, N. 1, P. 109-123.
- Lima, R. T., & Rios, C. M. (2018). *Escola e família: mediação psicológica no processo de inclusão*. *Revista Educação Especial*, 31(1), 45-60.
- Lima, R. T., & Rocha, D. S. (2021). *Família e escola na inclusão de alunos com autismo: um estudo de caso*. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, 7(2), 227-244. <https://doi.org/10.12957/riae.2021.63582>
- Malucelli ERS, Antoniuk SA, Carvalho NO. (2020) *The effectiveness of early parental coaching in the autism spectrum disorder*. *J Pediatr (Rio J)*. 2020 Jul-Aug;97(4):453-458. doi: 10.1016/j.jped.2020.09.004. Epub Oct 15. PMID: 33069667.
- Mantoan, M. T. E. (2015). *Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?* Moderna.
- Martins, A. C., & Lima, G. F. (2019). *Promoção da empatia e combate ao bullying em contextos inclusivos: contribuições da psicologia escolar*. *Revista Interdisciplinar de Educação*, 14(2), 77-92.
- MED (Ministério de Educação de Angola) (2014). *Estatuto Orgânico do Instituto Nacional de Educação Especial*. Luanda: MED.
- Melo, A. P., & Brito, M. S. (2022). *Formação docente e apoio psicológico na inclusão escolar do aluno autista*. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 28(1), 65-80. <https://doi.org/10.1590/1980-54702022v28e0068>
- Mendes, A. F., & Batista, R. C. (2021). *A construção de vínculos afetivos no ambiente escolar inclusivo: contribuições para alunos com TEA*. *Revista Educação Especial*, 34(2), 83-99. <https://doi.org/10.5902/1984686X54897>
- Neurosaber (20219) *orientação familiar no autismo*, disponível em: <https://institutonerosaber.com.br/orientação-familiar-no-autismo/>
- Nkuasambu, A. (2022). *Metodologia de Investigação Científica* 3ª ed. Editora: Afromac, Luanda.

- Oliveira, D. J., & Souza, K. L. (2020). *Desafios da atuação do psicólogo na escola pública: um estudo de caso*. *Cadernos de Psicologia e Educação*, 12(2), 38-54.
- Oliveira, F. M. (2020). *Adaptações no ambiente escolar para alunos com transtorno do espectro autista: um estudo de campo*. *Revista Brasileira de Educação*, 25(84), e258410. <https://doi.org/10.1590/S1413-247820202584>
- Oliveira, L. F., & Lima, T. A. (2020). *O envolvimento familiar e o desempenho escolar da criança com necessidades especiais*. *Revista de Educação Especial e Inclusiva*, 9(1), 17-34.
- Oliveira, M. F. (2011). *Metodologia científica*: Universidade Federal de Goiás, 13ª ed. Bras.
- Paim, M. B. (2014). Acompanhamento psicológico: práticas e reflexões. Artmed.
- Pereira, L. S. (2022). *Inclusão escolar: muito além da matrícula*. *Revista Educação em Questão*, 60(1), 243-260. <https://doi.org/10.21680/1981-1802.2022v60n1ID25768>
- Petersen, C. S.; Wainer, R. (2011) *Terapias cognitivo-comportamentais para crianças e adolescentes*; ciência e arte. Porto Alegre; Artmed.
- Quissua A., (2019). *Introdução à Metodologia de Investigação Científica*. Editora: Carlos Francisco, 1ª ed. Luanda.
- Ramos, C (2014). *Metodologia de Investigação*. Ed. Altas-editora, Portugal.
- Ramos, S, T, C. & Naranjos, E, S. (2013). *Metodologia de Investigação Científica*. Editora: Escolar editora. Lobito.
- Rodrigues, A. P., & Ferreira, L. M. (2021). *Gestão escolar e inclusão: o papel do gestor na construção de um ambiente acolhedor para alunos com autismo*. *Revista Gestão Escolar e Práticas Inclusivas*, 9(3), 33-49.
- Rodrigues, P. F., & Cunha, A. B. (2020). *Orientação familiar como apoio ao desenvolvimento infantil: reflexões para a prática pedagógica*. *Revista Brasileira de Educação*, 25(84), 1-18. <https://doi.org/10.1590>
- Salvador M, e Nilton V. (2013) *Vida de autista. E eles cresceram*. Rio de Janeiro: Wak Editora.

Santos, M. C., & Almeida, P. J. (2022). *Monitoramento da inclusão escolar: ferramentas e indicadores para a avaliação da aprendizagem de alunos com TEA*

Santos, P. M., & Cunha, V. A. (2020). **O impacto do suporte psicológico na inclusão escolar de alunos com TE*

Silberman, S. (2015). *NeuroTribes: The legacy of autism and the future of neurodiversity*. Avery.

Silva, E. F., & Lima, J. R. (2022). *Escola inclusiva: desafios e estratégias para o acolhimento de alunos autistas*. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 28(2), 241-258. <https://doi.org/10.1590/1980-54702022v28e0043>

Souza, A. M., & Ribeiro, G. L. (2022). *Colaboração docente na inclusão escolar: estratégias para alunos com autismo*. *Revista Educação Especial*, 35(1), 111-126. <https://doi.org/10.5902/1984686X64173>

Souza, L. A. (2023). *A importância da convivência no ambiente escolar para o desenvolvimento social de alunos com TEA*. *Revista Psicologia e Educação*, 59(2), 59-78. <https://doi.org/10.5935/psicoeduc.2023.0004>

APÊNDICES

ANEXOS

